



Outros modos de exercer a profissão: o que aprendemos com o ensino remoto?

“ZOOMDRAMA”: A UTILIZAÇÃO DO SOCIODRAMA COMO METODOLOGIA DE ENSINO EM TEMPOS DE CONFINAMENTO

LIMA-RODRIGUES, Luzia Mara

Escola Superior de Educação – Instituto Politécnico de Setúbal & Instituto de Educação –
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. luzia.rodrigues@ese.ips.pt

Resumo

Este artigo apresenta o relato de diversas experiências com a utilização do Sociodrama como metodologia de ensino no ensino superior, ocorridas durante a Pandemia do Sars-CoV-2. Trata-se de aulas realizadas na plataforma Zoom, nos anos letivos de 2020 e 2021, em Unidades Curriculares de cursos como o Mestrado em Administração e Gestão de Escolas, a Pós-Graduação em Educação Especial, a Licenciatura em Educação Básica e o Mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação e da Escola Superior de Ciências Empresariais do Instituto Politécnico de Setúbal, bem como do Mestrado em Educação Especial e Doutoramento em Educação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. O Sociodrama é uma metodologia de aprendizagem baseada na ação, onde uma temática é dramatizada pelos participantes de uma aula ou sessão, com objetivos como: apresentar um conteúdo em estudo; conhecer o nível de compreensão dos alunos sobre um dado assunto; desenvolver o papel profissional dos estudantes; aprofundar a reflexão sobre uma temática; avaliar a aprendizagem dos estudantes. Por ser uma metodologia ativa e expressiva, melhora a interação entre alunos e entre estes e o professor, cria ambientes de aprendizagem positivos e pró-ativos, estimula a criatividade e a resolução coletiva de problemas, além de favorecer a que o aluno expresse o seu saber de formas mais variadas. Espera-se que este relato contribua para o aprimoramento de práticas docentes no Ensino Superior.

Palavras-Chave: Aprendizagem Baseada na Ação; Métodos Ativos: Formação de Professores: Ensino Remoto de Emergência; Pandemia de Covid-19.



“Zoomdrama”: a utilização do Sociodrama como metodologia de ensino em tempos de confinamento.

O Sociodrama

O Sociodrama é uma metodologia ativa e expressiva de Aprendizagem Baseada na Ação. Conta com centenas de técnicas próprias que permitem ao diretor da sessão – no caso, o professor – o manejo intencional das cenas, para se atingir um determinado objetivo. Uma sessão de Sociodrama, quando aplicada ao contexto de sala de aula, segue uma sequência didática que começa com um “aquecimento”, segue-se o cerne da aula com uma “dramatização” e o encerramento é feito com a “partilha” de aprendizagens e reflexões entre todos os participantes (professores e alunos). A aula tem como instrumentos:

- 1) o professor,
- 2) a turma,
- 3) o espaço físico onde se passa a dramatização (equivalente ao palco, num teatro),
- 4) o tema protagónico ou assunto a ser abordado, e pode ou não ter
- 5) o ego-auxiliar ou aluno que é escolhido pelo professor para o ajudar na aplicação de uma ou mais técnicas sociométricas (Lima & Liske, 2004).

Em se tratando de Ensino Superior, esta metodologia pode ser utilizada para introduzir um conteúdo programático de uma Unidade Curricular, como, por exemplo, a dramatização de uma cena que se passa entre um professor do ensino básico e um aluno com uma dificuldade de aprendizagem, para depois a cena ser utilizada para abordar a caracterização de dificuldades de aprendizagem ou a intervenção psicopedagógica em contexto de sala de aula.

Permite ao professor conhecer o nível de compreensão dos alunos sobre um determinado assunto quando um conceito é explorado por meio da ação dramática. Neste caso, é possível dividir os alunos em dois grupos: um grupo cria uma cena de exclusão na escola, outro cria uma cena de inclusão. Estas dramatizações oferecem dados sobre o que os alunos pensam ou já experienciaram sobre inclusão/exclusão e a fundamentação teórica passa a ter uma base concreta e vivida pelos alunos, para ser clarificada a partir de então.

Estas mesmas dramatizações do exemplo anterior, construídas no momento e de forma quase espontâneas, recebem a interferência do professor que vai utilizando técnicas sociodramáticas, modificando as cenas para aprofundar a reflexão acerca da temática em desenvolvimento. É possível congelar uma cena em andamento e pedir para a turma dizer, em voz



alta, o que o aluno com dificuldade de aprendizagem está a pensar sobre a forma como o professor o está a tratar, ou parar a cena e pedir para professor e aluno inverterem o papel, de tal forma que o mesmo estudante assuma duas personagens, vendo a situação segundo os dois pontos de vista: enquanto “professor” e enquanto “aluno com dificuldade”.

Daí não ser difícil considerar que o Sociodrama permite desenvolver o papel profissional dos estudantes, sobretudo com a utilização de uma das suas técnicas mais conhecidas: o role-play. Neste caso, a simulação de situações que poderão ser realmente vividas pelos estudantes do Ensino Superior, quando em desempenho da sua profissão, oferece aos estudantes a possibilidade de desenvolver competências profissionais de diversa ordem, desde competências instrumentais até competências socio emocionais e interpessoais.

Para avaliar aprendizagens dos estudantes, o Sociodrama é uma metodologia que permite ao estudante demonstrar o seu saber ao professor de uma forma mais complexa do que exclusivamente de forma escrita ou oral. Quando um estudante ou um grupo constrói uma imagem com o corpo, com movimento e com diálogos, que represente “os riscos da utilização da punição como estratégia para a diminuição da frequência de comportamentos em sala de aula”, o que emerge aos olhos do professor provavelmente será rico em detalhes e em informação sobre o que os alunos apreenderam acerca deste conteúdo. Assim, o Sociodrama pode ser um valioso instrumento, complementar aos meios mais recorrentes de avaliação.

“ZoomDrama – um jantar de aniversário”: o exemplo de uma aula online pela plataforma Zoom, tendo o Sociodrama como metodologia.

Passaremos a relatar um exemplo concreto de uma aula, onde a metodologia utilizada foi o Sociodrama. Esta aula ocorreu durante o período de confinamento ocasionado pela Pandemia de Covid-19 e, portanto, aconteceu em ensino remoto. Outras experiências com o Sociodrama no Ensino Superior durante a Pandemia já foram relatadas, como é o caso da utilização da Plataforma Google Meet, apresentada por Cord, Marques & Freitas (2021). No nosso caso, utilizamos a plataforma Zoom. Os alunos estavam no final do 1º ano de um curso do Ensino Superior, todos já se conheciam, estavam a aceder a plataforma por computadores e estava garantido que tinham possibilidade de conexão de áudio e vídeo sempre que necessário.

Os alunos também já tinham conhecimento das funcionalidades do Zoom utilizadas em aulas ativas, nomeadamente: ligar e desligar áudio e vídeo, renomear, ocultar participantes sem vídeo, entrar e sair de salas simultâneas e pedir ajuda ao professor enquanto estivessem numa sala simultânea.



Nesta aula, o conteúdo programático da Unidade Curricular em questão prendia-se com o conceito de Educação Inclusiva, cujas definições e principais conceitos haviam sido abordados em aulas anteriores. Uma Educação Inclusiva como uma educação de alta qualidade, para todos e para cada aluno, implicando na identificação e remoção de barreiras à presença, participação e aprendizagem de todos os alunos, dando principal atenção àqueles em risco de exclusão, marginalização e insucesso (Lima-Rodrigues & Rodrigues, 2020; Rodrigues & Lima-Rodrigues, 2017).

Aquecimento

“Sai do muro” é um bom aquecimento para aulas que trabalharão temas que têm dois lados dicotômicos ou antagônicos, como “inclusão-exclusão”. Os participantes seguram um papel branco com a mão esquerda e um papel colorido com a mão direita. O professor diz 2 palavras opostas e os estudantes devem escolher uma delas. Quem escolhe a primeira opção, mostra o papel branco, quem escolhe a segunda mostra o papel colorido. As opções foram:

- Verde ou maduro?
- Próximo ou distante?
- Antes ou depois?
- Rápido ou devagar?
- Pergunta ou resposta?
- Para cima ou para baixo?
- Começar ou terminar?

Para prosseguir diretamente para a dramatização, os alunos foram divididos em subgrupos de 6 estudantes, que assumiriam o papel de 3 casais. O professor passa a informar cada casal sobre as suas características:

- “Casal 1, vocês são um casal português ou que vive em Portugal. Têm um filho ou filha a frequentar o 5º ano de uma escola pública, e é a melhor escola de Portugal, claro! Foram vocês que escolheram a escola para este filho ou filha! É uma escola valores e práticas condizentes com o que se chama de ‘uma escola tradicional’”.
- “Casal 2, vocês são um casal português ou que vive em Portugal. Têm um filho ou filha a frequentar o 5º ano de uma escola pública, e é a melhor escola de Portugal, claro! Foram



vocês que escolheram a escola para este filho ou filha! É uma escola valores e práticas condizentes com o que se chama de ‘uma escola inclusiva’.

- “Casal 3, vocês não são portugueses. Mudaram-se para Portugal esta semana, têm um filho ou filha que vai para o 5º ano e estão a escolher uma boa escola para este filho ou filha.

Os três casais têm filhos que irão para o 5º ano em breve, estão numa festa de aniversário e, coincidentemente, sentaram-se na mesma mesa. As indicações dadas para o desempenho do papel de cada casal foram:

- O casal 3 não sabe onde irá matricular o filho ou filha. O papel deste casal, na dramatização, é fazer mil perguntas aos outros 2 casais, sem nunca “sair do muro”, ou seja, este casal nunca vai decidir por uma escola ou por outra.
- O papel dos casais 1 e 2 é tentar convencer o casal número 3 de que a escola onde o filho estuda é a melhor escola de Portugal e que, sem dúvida, o casal 3 deveria matricular o filho nesta escola.

Dramatização

Cada aluno inventou um nome para o personagem que lhe correspondeu e renomeou a si próprio, no Zoom. Os alunos habilitaram também o recurso “esconder participantes sem vídeo” - este recurso permite criar uma ilusão de “palco”, pois passa-se a ver no ecrã do computador apenas os participantes com vídeos ligados (quem não faz parte da cena, desliga o vídeo). Conheciam também a opção de “clicar e arrastar” as janelas, de tal forma a poderem ordená-las conforme fosse necessário. Como iriam dramatizar que estavam numa festa, foram também buscar algum adereço que ajudasse a representar o seu personagem. Os adereços são importantes porque facilitam que as pessoas entrem melhor no papel que irão desempenhar, distanciando-se do que são e do que pensam na realidade enquanto pessoas, não enquanto personagens (Wiener, Adderley & Kirk, 2011).

Os subgrupos de 6 estudantes (3 casais, 1 de cada “tipo”) são então colocados em salas simultâneas do Zoom. Lá, dramatizam a conversa entre os casais, visto que estavam na mesma mesa de jantar da festa de aniversário. O professor percorre cada uma das salas para ver como vão as conversas, tirar algumas dúvidas técnicas que possam existir e “atear fogo” ao debate.

Depois de alguns minutos, é alterada a distribuição dos casais pelas salas simultâneas do Zoom. Numa sala são colocados os casais número 1 (com filhos em escolas “tradicionais”); noutra sala estão os casais número 2 (com filhos em escolas “inclusivas”), e na terceira sala, os casais indecisos. Os casais devem contar aos outros o que conversaram na mesa de jantar onde estavam



anteriormente. No caso dos casais 1 e 2, procurando fortalecer a boa opinião que têm sobre os valores e as práticas das escolas dos seus filhos. Os casais 3 devem analisar os argumentos que ouviram em favor e contra os dois tipos de escola e, com base na força destes argumentos, devem ponderar em que tipo de escola estão tendenciosos em matricular os filhos.

Alguns minutos depois, todos são trazidos de volta à sala principal para conversarem entre si, ainda como casais, personagens daquele jantar de aniversário. O professor pede aos casais indecisos que falem sobre o que ouviram, em que tipo de escola gostariam que os seus filhos estudassem e porquê. Depois, a palavra é passada aos outros casais.

Por fim, o professor pede a todos que abandonem os papéis que desempenharam na dramatização, que retirem os adereços e voltem a ser quem são: estudantes daquela Unidade Curricular.

Partilha

Por se tratar de um grupo de alunos de um curso pós-graduado, o compartilhamento teve como foco a qualidade da argumentação, visto que o objetivo da aula era aprofundar conhecimentos e promover uma reflexão crítica sobre Educação Inclusiva. O Sociodrama foi utilizado como metodologia, como já afirmamos em outra publicação, para “provocar a Inclusão” (Lima-Rodrigues, 2017). Os alunos são convidados a analisar o que se passou nas dramatizações e a pensar sobre questões como: que argumentos são usados pelos pais da escola tradicional? E da escola inclusiva? Quais argumentos são encontrados com mais facilidade? E quais são os argumentos mais condizentes com a escola que queremos construir? Quais são os argumentos falaciosos de cada escola? E os argumentos melhor fundamentados? O que eu aprendi ou percebi com o papel que desempenhei?

Para finalizar, cada aluno produziu um breve texto com as aprendizagens e reflexões que emergiram desta aula.

Algumas reflexões

Por ser uma metodologia ativa e expressiva que valoriza a Aprendizagem Baseada na Ação, o Sociodrama tem uma série de vantagens no Ensino Superior e mostra-se significativamente útil para a criação de uma dinâmica positiva de interação em contexto de Ensino Remoto Emergencial. O Sociodrama permite que haja uma melhora na interação entre alunos e entre estes e o professor, criando ambientes de aprendizagem inovadores e pró-ativos. Quando se pensa em “soft skills” – competências fortemente valorizadas nos profissionais da atualidade – vemos que o



Sociodrama estimula a espontaneidade e a criatividade, a imaginação e a resolução coletiva de problemas. Por fim, e sem esgotar de maneira nenhuma as suas contribuições, o Sociodrama favorece a que o aluno, por um lado, expresse o seu saber e, por outro lado, que entre em contato com o objeto de saber de uma forma mais complexa e variada do que em aulas expositivas não-dialogadas, onde o registo de comunicação, na grande maioria das vezes, é de um professor que fala, para os alunos que ouvem (Lima-Rodrigues, 2011).

Espera-se que este artigo seja uma pequena inspiração para o aprimoramento de práticas docentes no Ensino Superior.

Referências bibliográficas

Cord, D., Marques, M. G. & Freitas, A. F. de. (2021). Sociodrama com estudantes universitários no context da Pandemia por Covid-19. *Revista Brasileira De Psicodrama*, 29(1), 60-64.

<https://revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/470>

Lima, L. & Liske, L. (2004). Para aprender no ato: técnicas dramáticas na educação. *Ágora*.

Lima-Rodrigues, L. & Rodrigues, D. (2020). Agenda 2030: desafios da pedagogia inclusiva à educação física. *Quaestio - Revista De Estudos Em Educação*, 22(3), 721–739.

<https://doi.org/10.22483/2177-5796.2020v22n3p721-739>

Lima-Rodrigues, L. (2017). Formação ativa e expressiva de professores: “bagunçando o coreto” para estimular a inclusão!. *Revista Educação Especial*, 30(59), 709-722.

<https://doi.org/10.5902/1984686X28428>

Rodrigues, D. & Lima-Rodrigues, L. (2017). Educação física: formação de professores e inclusão. *Práxis Educativa*, 12(2), 317-333. <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.12i2.0002>

Lima-Rodrigues, L. (2011). Sociodrama, teacher education and inclusion. In R Wiener, D Adderley & K Kirk (Eds.), *Sociodrama in a Changing World*. UK: Lulu.

Wiener, R., Adderley D. & Kirk, K. (Eds.) (2011). *Sociodrama in a Changing World*. Lulu.